



SERVIDÃO E/OU RESISTÊNCIA? SOCIEDADE, CABELO, SUBJETIVIDADE E PROCESSO DE TRANSIÇÃO CAPILAR

Talita Ferraz¹

<https://orcid.org/0000-0002-0553-6934>

Daiani Barboza²

<https://orcid.org/0000-0003-3103-2753>

RESUMO

Este trabalho reflete sobre o contexto histórico e sociocultural brasileiro, lançando um olhar crítico sobre a razão que leva mulheres de cabelos não lisos a depreciarem e submeter seus fios a processos químicos de alisamento. O objetivo do estudo foi compreender como a transição capilar contribuiu para a potência de agir dessas mulheres em direção à liberdade de escolha sobre a forma dos próprios cabelos. Esta foi uma pesquisa exploratória, qualitativa e documental e para a coleta de dados recorreu-se a vídeos publicados na plataforma *Youtube* por duas mulheres que passaram por alisamentos e transição capilar. Foi realizada uma análise de discurso a partir da psicologia histórico-cultural. As análises demonstraram que, embora exista uma supremacia estética, é possível perceber o reconhecimento do lugar que ocupam em um grupo racializado, ou étnico, quando realizam uma transição capilar.

Palavras-chave: Cabelo; Transição capilar; Mulheres; Subjetividade; Psicologia.

SERFDOM AND/OR RESISTANCE? SOCIETY, HAIR, SUBJECTIVITY AND HAIR TRANSITION PROCESS

ABSTRACT

This work reflects on the Brazilian historical and sociocultural context, taking a critical look at the reason that leads women with not straight hair to depreciate and submit their hair to chemical straightening processes. The objective of the study was to understand how the hair transition contributed to the power of these women to act towards freedom of choice about the shape of their own hair. This was an exploratory, qualitative and documentary research and for data collection we used videos published on the Youtube platform by two women who underwent straightening and hair transition. Discourse analysis was performed based on cultural-historical psychology. The analyzes showed that, although there is an aesthetic supremacy, it is possible to perceive the recognition of the place they occupy in a racialized or ethnic group, when they make a capillary transition.

Keywords: Hair; Capillary transition; Women; Subjectivity; Psychology.

¹Graduada em Psicologia pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). E-mail: <talitaferrazfc@gmail.com>.

²Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com período sanduíche na Università degli Studi di Roma La Sapienza, Roma, Itália. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduada em Psicologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Professora na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), onde atua nos cursos de Psicologia e Direito. É uma das Líderes do GEFOCS – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Formação Cultural e Sociedade, da UNESC. Ademais, integra também os seguintes grupos da UFSC: Corpo, arte e cidade, experiência e subjetividade e o NUPRA – Núcleo de pesquisa em práticas sociais, estética e política. Sua pesquisa e produção técnica estão focadas em: cidade, fotografia, subjetividade, estética e desigualdades sociais. E-mail: <daianib@gmail.com>.

SERVIDUMBRE Y/O RESISTENCIA? SOCIEDAD, CABELLO, SUBJETIVIDAD Y PROCESO DE TRANSICIÓN DEL CABELLO

RESUMEN

Este trabajo reflexiona sobre el contexto histórico y sociocultural brasileño, haciendo una mirada crítica a la razón que lleva a las mujeres con cabello no lacio a depreciar y someter su cabello a procesos de alisado químico. El objetivo del estudio fue comprender cómo la transición del cabello contribuyó al poder de estas mujeres para actuar hacia la libertad de elección sobre la forma de su propio cabello. Esta fue una investigación exploratoria, cualitativa y documental y para la recolección de datos se utilizaron videos publicados en la plataforma de Youtube por dos mujeres que se sometieron a alisado y transición capilar. Se realizó un análisis del discurso basado en la psicología histórico-cultural. Los análisis mostraron que, si bien existe una supremacía estética, es posible percibir el reconocimiento del lugar que ocupan en un grupo racializado o étnico, cuando realizan una transición capilar.

Palabras llave: Cabello; Transición capilar; Mujeres; Subjetividad; Psicología.

INTRODUÇÃO

Historicamente, o cabelo liso tem sido apresentado enquanto referencial de beleza e imposto como um “padrão” a ser seguido. Desde o movimento Black Power na década de 60 já se percebia a diferença entre as conotações atribuídas a cabelo liso como bom, por conta de sua estrutura, e cabelo crespo como “ruim”, também por conta da estrutura dos fios. Destarte, o contexto social, político, econômico e cultural, marcado pelo incentivo para que mulheres de cabelos não lisos depreciem seu cabelo natural, repercute amplamente nos modos de subjetivação, engendrando formas de servidão, às quais, nós mulheres da atualidade, somos conclamadas a resistir de forma crítica.

Os motivos que levaram à escolha deste tema de pesquisa foram as diversas vivências da primeira autora, dentro de um salão de beleza durante mais de doze anos de atuação na área, que lhe mostraram que o cabelo não é somente um acessório de beleza, mas um meio de construção da autoimagem da mulher. A sua experiência pessoal durante a transição capilar, assim como a de muitas clientes que confiaram nos seus cuidados, mostraram-lhe que o cabelo possui um poder inegável sobre os modos de subjetivação e autoimagem. Assim, o cabelo pode ser utilizado para gestar formas de servidão e heteronomia ou como forma de emancipação feminina.

HISTÓRIA DA SOCIEDADE E SUA RELAÇÃO COM O CABELO

Falar da sociedade e sua relação com o cabelo remete para lançar um olhar para a história e entender o lugar que ele ocupa nos processos de subjetivação.

Segundo Stuart Hall (2009), as pesquisas sobre o significado do cabelo no imaginário social vêm de longa data e foram iniciadas por autore(a)s como Freud, Charles Berg e Edmund Leach, entre outros(as). Estudioso(a)s posteriores, tais como Christopher Robert Hallpike, vieram elucidar melhor a temática, ao entenderem o cabelo como um símbolo amplamente coberto pelos mais diversos significados (HALL, 2009). Desse modo, enquanto inicialmente o(a)s estudioso(a)s como Freud entendiam o cabelo como um símbolo de poder, posteriormente outro(a)s autore(a)s vieram a descrever o cabelo como um símbolo de controle social.

Como postula Hallpike (1972), em seu artigo “Social Hair”, não é possível determinar o significado do cabelo em apenas uma definição; entretanto, a simbologia de controle social é uma das definições interligadas ao cabelo. O cabelo está ligado não só à ideia de sociabilidade ou disciplina, mas também, como sustenta Banks (2000), à produção de sentidos sobre a própria imagem, aos rituais de estética, às imagens de beleza e à política. Tais processos de subjetivação se desvelam na interseccionalidade com questões relativas ao gênero e à raça. Desse modo, torna-se interessante e necessário considerar a relação de uma mulher com o seu cabelo, lançar um olhar cuidadoso sobre os sentidos que esse tem para ela, já que, segundo Hall (2009), conferem-lhe senso de identidade e pertencimento.

Dentro desse contexto, Hall (2009) postula a importância de se compreenderem os estereótipos acerca do cabelo e de como eles são utilizados para determinar aquilo que culturalmente é considerado “normal” e aceitável e segregar aquilo que é visto como “anormal” e inaceitável. Nessa perspectiva, há uma lógica perversa que separa, exclui e contribui para manter a “ordem social” simbólica e o cabelo é uma das maneiras de controle social amalgamada aos modos de produção capitalista. Assim, lançar um olhar para essa discussão é, não somente, necessário, mas também uma forma de revolução social.

O MOVIMENTO EUGENISTA E A PADRONIZAÇÃO DOS ESTILOS DE CABELO

Conforme Ferreira (2017), o movimento eugenista que ocorreu no Brasil entre os anos de 1900 e 1940, foi marcado pela tentativa de tornar as “raças” mais “puras” ou “fortes”. Esse processo excludente trazia consigo raízes imbuídas de racismo e preconceito devido à grande imigração europeia no Brasil, à elite formada primordialmente por governantes de origem europeia e à população em sua maioria pobre, mestiça e analfabeta, considerada disgênica sob a lógica eurocêntrica (FERREIRA, 2017). Essa segregação e exclusão de determinadas “raças” se deu sob o escopo do movimento eugenista que pretendia defender e proteger uma suposta “raça superior” ou uma “raça mais forte”.

Nessa perspectiva, registaram-se exemplos “desumanos” que foram utilizados para a alcançar, tais como a esterilização de pessoas, consideradas “inaptas” para a produção de uma raça “superior”, incluindo-se aí pessoas consideradas “loucas” e/criminoso(a)s, mas também deficientes, prostituta(o)s e pessoas com traços supostamente inferiores – indo o destaque para a “raça” negra (NOGUEIRA, 2019). O eugenismo trouxe retrocessos históricos, não apenas para as pessoas que o vivenciaram durante a época em que emergiu, mas, ao se considerar a história e a sua influência no pensamento social, tal movimento ainda possui seus ecos na sociedade atual do século XXI. Como exemplos, percebe-se como até hoje é comum a reprodução em frases ou piadas, que trazem algumas ideias dessa época “naturalizadas”, tais como: “sou pobre, mas sou limpinho(a)”; “segunda feira é dia de branco”; “cabelo crespo é duro/ruim”; e essas são apenas algumas das expressões mais conhecidas no Brasil afora (FERREIRA, 2017). Nesse sentido, é claramente perceptível como um movimento que nasceu há mais de 80 anos, mesmo tendo perdido força e apoio, ressoa ainda na maneira de pensar de uma sociedade.

O padrão de beleza eurocêntrico imposto às mulheres no Brasil atinge a maneira como se atribuem sentidos ao próprio cabelo. A “antipatia” que a sociedade tende a ter pelo cabelo crespo vem de longa data e está amalgamada ao racismo e à tentativa de adestramento social dos corpos das pessoas negras, inclusive dos seus cabelos. Oliveira (2019) afirma que os alisamentos começaram a ser realizados não somente por uma necessidade ou desejo de mudar a forma dos próprios cabelos, mas também, e principalmente, pelas raízes do racismo

e da tentativa de amenizar os traços das pessoas afrodescendentes. Uma das maneiras de isso acontecer se fez por meio da modificação das estruturas capilares de pessoas com cabelos não lisos ao transformá-los quimicamente (OLIVEIRA, 2019).

Registaram-se diversos movimentos com o intuito de trazer de volta a beleza negra ao natural, como será citado a seguir. Os movimentos tinham o intuito de incentivar as mulheres a ser o que realmente eram e interromper a tentativa de adestramento social que incentivava mulheres a parecerem brancas para serem aceitas socialmente. Ações coletivas como o Movimento pelos Direitos Civis, nos EUA, e o Movimento Black Power, que existiram durante a década de 60, auxiliaram nessa construção da volta ao natural, ao difundirem a necessidade de pararem de se seguir características presentes nas pessoas brancas, que foram tomadas como padrões de beleza (OLIVEIRA, 2019).

Entende-se que desconectar a autoimagem, que as pessoas têm de si, da história do grupo em que se inserem é fragmentar a sua compreensão. Não podemos entender os processos de subjetivação desconectados das suas raízes históricas e das relações constituídas com pessoas pertencentes a esse determinado grupo. Nesse sentido, contextualizar o tema para os dias atuais e lembrar a história por detrás das preferências de cada mulher, acerca do seu próprio cabelo, torna-se um dever de responsabilidade social.

No âmago do processo de aceitação dos cabelos emerge a expressão “transição capilar”. De maneira simples, pode-se explicar que a transição capilar não é nada mais que a espera da pessoa, caracterizada pela suspensão definitiva do uso artificial (química), até ao crescimento dos cabelos, sendo que os fios contendo resíduos de química são cortados de forma gradual para realizar finalmente o *big chop*, que em português significa “o grande corte”, uma expressão utilizada por mulheres negras envolvidas nesse movimento do grande corte e que refere-se a um corte radical e ao abandono da química (GIAMPÁ, 2016).

Os alisamentos podem prejudicar a saúde, sobretudo pelo uso de formol, soda cáustica, tioglicolato de amônio, cal hidratada (hidróxido de potássio), hidróxido de lítio, carbonato/hidróxido de guanidina, todos produzindo efeitos semelhantes aos da soda cáustica e do formaldeído, tais como: vermelhidão na pele, coceiras e queimaduras, queda total do cabelo e feridas (queimaduras) no couro cabeludo; o seu uso a longo prazo pode ainda

levar ao surgimento de câncer, neste caso tanto no profissional, que aplica o produto, quanto no usuário (ECYCLE, 2021).

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Buscou-se compreender de que modo a transição capilar contribuiu para a potência de agir de mulheres que passaram por esse processo. Para tanto, o percurso metodológico adotado nesta pesquisa utilizou a psicologia histórico-cultural como guia. Esta abordagem foi cunhada por Lev Semenovich Vygotsky, autor bielorusso, cuja compreensão da constituição do sujeito e da sociedade se amalgama ao materialismo histórico dialético.

Trata-se de uma pesquisa exploratória que, segundo Gil (2002), configura-se como um estudo que tem o objetivo de proporcionar ao leitor um conhecimento maior sobre o tema, aprimorar ideias, assim como estimular a compreensão dos fatos. Esta pesquisa é também documental, pois, segundo Gil (2002), pode conter fontes que ainda não receberam tratamento analítico, neste caso os materiais analisados encontram-se também numa plataforma de acesso público. Nesta direção, buscaram-se materiais ainda não analisados em canais de diálogo na plataforma YouTube, que pudessem subsidiar a pesquisa. Optou-se por duas mulheres, influenciadoras digitais, que passaram por ambos os procedimentos (química e transição capilar) e que desde a infância atenderam a apelos da sociedade (pelas mães ou outro familiar), que considera os cabelos lisos como padrão de beleza. A escolha dessas participantes se deu por serem adultas, não terem cabelos lisos e terem finalizado a transição capilar. Outro critério de escolha foi devido ao número grande de seguidores que possuem, o que denota que a descrição das suas transformações capilares e subjetivas tem alcançado uma quantidade significativa de pessoas.

Os relatos dessas duas mulheres foram transcritos com o auxílio do site de transcrições Amber Script. Desse modo, após o estudo exaustivo dos discursos produzidos nos vídeos selecionados em rede aberta *online* (Youtube) procedemos à análise do discurso – AD. Sobre este tipo de análise, Cleudemar Alves Fernandes (2013), afirma que:

Os aspectos ideológicos e políticos, no discurso, apresentam-se semanticamente relevantes, pois refletem, na interação entre os sujeitos, o lugar histórico-social de onde o discurso é produzido. As relações de poder são preenchidas politicamente por ideologia e, em conformidade com as

mudanças que sofrem, diferentes vozes ideológicas enunciam construindo diferentes rumos na História. Na verdade, novas perspectivas políticas e ideológicas, que provocam o surgimento de um novo cenário sociocultural, são aspectos inerentes à formação de um discurso (FERNANDES, 2013, p. 44).

Também Michel Foucault (1987), refere-se ao discurso como uma construção das características advindas da sociedade de convívio e, portanto, a sociedade será a promotora principal do contexto do referido discurso a ser analisado e será a formadora da base que pautará a estrutura textual.

O estudo profundo dos depoimentos em rede virtual permitiram a formulação das seguintes categorias de análise: I – Sociedade e cabelo; II – Modos de subjetivação e cabelo; e III – Servidão, resistência e emancipação feminina, que serão apresentadas em seguida.

SOCIEDADE, CABELO, SUBJETIVIDADE E PROCESSO DE TRANSIÇÃO CAPILAR

Como visto, este estudo foca-se no depoimento de duas mulheres de cabelo não liso que passaram pela transição capilar e cujas falas foram obtidas na plataforma de vídeos YouTube. O(a)s influenciadore(a)s digitais dialogam com dados grupos sociais, tendo os seus discursos aceitos e reproduzidos por seus seguidores. Há que destacar que são pessoas comuns que disponibilizam reunir-se de forma direta com um espectador para um diálogo informal via comunicação interpessoal “cara a cara” e, como explica Espinosa (2016, p. 38), “as ideias trabalhadas dessa forma se espalham pelas redes sociais e se multiplicam no ambiente online e offline”.

O processo de transição capilar dessas mulheres foi um caminho percorrido após muitos anos de uso de alisamentos, como a escova, a chapinha e os procedimentos químicos. Tais trajetórias serão abordadas a seguir.

SOCIEDADE E CABELO

Sociedade e cabelo não podem ser entendidos de modo dicotomizado, pois a forma como as pessoas se veem está relacionada ao contexto em que se inscrevem. Ao

reportar-se à fala da influenciadora Ana, percebe-se que ela não se sentia bem com o seu cabelo desde a infância, conforme o excerto:

Eu nunca me sentia bem com ele, eu não achava que eu tava bonita com ele e foi nessa época do meu cabelo cheio, volumoso, que foi a mais difícil pra mim. Porque as pessoas falavam isso pra mim, que meu cabelo era ruim, ele era bombрил, ele era cabelo de bruxa e essas coisas negativas que as pessoas falavam acabou sendo a minha realidade (ANA).

Ana fala do processo de desqualificação social que sofreu na escola em decorrência do seu cabelo, visto como ruim, “bombрил”, entre outros termos pejorativos. Diante dessa fala, Gomes (2006, p. 199), apropriadamente, reflete que esse período se refere à construção da “criança enquanto sujeito em relação à própria imagem e também é resultado de relações sociais assimétricas, baseadas na imposição de modelos de homem, de mulher, de adultos, de raça e de etnia”.

Já a influenciadora Ludmila revela que manteve seus cabelos naturais até ao início da adolescência, evitando “fazer escova” de forma recorrente, mas não admitia que tivesse “frizz” e nem volume. Ela diz que não sabia cuidar do cabelo, que o dividia ao meio e utilizava muito creme e passava a escova na raiz e, após algum tempo, o cabelo secava e “corria ao banheiro” para molhá-lo. Revela, então, que aos 15 anos aprendeu a escovar seu cabelo e prosseguiu por quatro anos, fazendo tal procedimento (escovação), rigorosamente, todos os sábados: “Gente não é brincadeira, não é exagero. Cinco horas pra escovar meu cabelo pra passar prancha e aquela fumaça, aquele calor era horrível, sabe?! Eu não via meu cabelo cacheado durante todo esse tempo, eu não aguentava mais!” (LUDMILA).

Ao continuar a narrativa sobre a sua adolescência, a influenciadora Ana menciona:

Era uma época em que todas as meninas andavam de cabelo solto e a maioria tinha cabelo liso, era raro achar alguém com o cabelo cacheado e ondulado, toda menina que tinha cabelo ondulado ela alisava né?! [...]

Em sua fala fica evidente a ausência de representatividade por parte de mulheres com cabelos não lisos, o que a levava a usar o cabelo preso diariamente. Ela prossegue dizendo que neste mesmo período sua avó a presenteou com uma chapinha:

Até que a minha vó, minha querida vó, me apresentou a chapinha. Eu lembro dela com o armado volumoso e eu lembro que ela sempre passava chapinha,

Aí ela me deu uma chapinha de presente, a minha primeira chapinha. E eu nem sabia como usar aquilo, eu só sabia que queria meu cabelo liso, então ela foi me ajudando (ANA).

Apresenta-se aqui a falta de representatividade intrafamiliar, que também denota que o processo de subjetivação de Ana, ao desejar ter cabelos lisos, foi atravessado pelos padrões impostos de forma transgeracional. Sua avó, que possuía chapinhas, a presenteou com uma e foi quem a ensinou a alisar os cabelos.

Ademais, ao refletir sobre a importância da representatividade e de referências interraciais, Gomes (2006, p. 199) destaca que:

A falta de representatividade de imagens positivas também contribui para a forçosa escolha em se submeter a procedimentos que alterem a estrutura capilar, uma vez que os padrões estéticos acionam a dicotomia "bom e belo" *versus* "ruim e feio", estando os cabelos das mulheres negras no segundo polo.

Segundo Ana, o alisamento químico é o que considera "traumatizante". Além disso, como se não bastasse, ela tinha que retocar a raiz e voltar a fazer o alisamento no cabelo todo, pela progressiva, para mantê-lo. Assim, descreve: "Eu queria chorar! Mas eu continuei fazendo, porque era o único jeito que eu me via bonita, não passava pela minha cabeça voltar com meu cabelo natural, achava que era impossível" (ANA).

Gomes (2005) faz a relação entre a submissão aos procedimentos de estética e a produção das identidades, à medida que a sociedade apregoa às pessoas negras que, para serem aceitas, têm que negar-se a si mesmas. Tal lógica engendra diversas formas de sofrimento e possíveis movimentos de submissão e/ou de resistência aos padrões impostos diante das (im)possibilidades gestadas. Gomes (2005) considera que a polarização liso/crespo contribui para se avaliarem pelo prisma do racismo, hierarquizando-os e estabelecendo determinados padrões estéticos como aceitáveis em detrimento de outros.

MODOS DE SUBJETIVAÇÃO E CABELO

Conforme já mencionado, o cabelo crespo identifica o grupo étnico-racial (afro-brasileiros) que, por ser historicamente rejeitado no país, é representado como um problema

no imaginário coletivo, o que leva grande parte da população, que se identifica com esse grupo, a submeter-se a intervenções capilares, baseadas em padrões voltados para a estética europeia, cuja população em sua maioria possui cabelos de estrutura lisa e loira. Tais questões permeiam o que é explicitado por Ana ao relatar sobre o uso da chapinha:

Meu cabelo não era liso natural, então se a chapinha começasse a sair e aparecia um fiozinho ondulado eu já ia com a chapinha e passava e era tipo todo dia, eu tinha aquela preocupação de toda hora andar na rua e parar em todos os espelhos, assim, reflexo de carro e olhar se meu cabelo tá bom.

Ao associar o cabelo liso à perfeição, ela passou a fazer o uso da chapinha. Sem dúvida, este pensamento resulta das consequências negativas provenientes do padrão de beleza imposto.

Sobre as mulheres decidirem sobre a sua própria imagem, é pertinente referenciar Baruch Spinoza (1632-1677), em sua obra *Ética* (2008), quando apresenta suas reflexões acerca de liberdade e servidão, sendo que, segundo o autor, ambas constituem o dilema humano na condução da sua vida. Sobre a liberdade, Spinoza destaca:

Liberdade é ter um corpo cada vez mais disposto a agir de múltiplas maneiras e ser afetado pelo mundo de múltiplas maneiras. O conhecimento nos multiplica dentro de nós mesmos, assim, nos tornamos vários, cada vez mais artistas de nós mesmos (2008, p.33).

Os padrões de beleza impostos, como a “obrigação” de ter o cabelo liso, deixam, sem dúvida, consequências negativas; esta afirmação é perceptível em Ana quando ressalta: “Passei uma boa parte da minha vida preocupada como o meu cabelo vai estar, em como eu vou estar; meu cabelo sempre era na frente, era sempre uma preocupação pra mim.”

Cabe citar Spinoza (2008), que alude: “A subjetivação é resultado dos encontros das pessoas na linha do tempo e espaço e ocorre de forma contínua e limitada de subjetividades propriamente ditas.”

A ideia de fazer a progressiva ganhou dimensão para Ana: “Não dá mais para ficar fazendo chapinha, sabe? Não tá funcionando mais, então vamos prender, aí de vez em quando eu só andava de cabelo preso, e nem em casa eu ficava com o cabelo solto, sabe?” As consequências negativas do padrão de beleza instituído a levaram à decisão de fazer o alisamento. Ela diz que uma amiga havia feito e ela achou “a coisa mais linda do mundo”,

decisão essa endossada por sua mãe, ao ver o cabelo da amiga da filha, o que contribuiu para ela decidisse fazer essa escolha.

A influenciadora Ana prossegue a narrativa afirmando que quando se olhou no espelho, após o procedimento da progressiva, não se arrependeu, uma vez que acordava e já estava arrumado, que dormia e não bagunçava, que andava com o cabelo solto. Identifica-se nesta fala a pseudoideia de liberdade e de “empoderamento” advindo de alisamentos químicos e dos elogios externos. Ana conta:

Foi a primeira vez que eu só saí de cabelo solto e eu não precisava me preocupar com fazer chapinha, escova, aquele ritual de lavar, fazer escova e fazer chapinha. Já tava liso por completo. Eu lembro que essa época foi também a época que eu mais recebi elogios: “nossa, como você tá bonita”, “nossa, como você melhorou”, “nossa, como seu cabelo tá bonito”, “nossa, você vai fazer isso pra sempre né?! Você nunca mais vai voltar para aquele cabelo antigo não, né?!”.

Todavia, apesar de receber elogios, a influenciadora revela que, no fundo, não se sentia bonita: “Eu não me sentia bonita de qualquer jeito”!

Os relatos das influenciadoras versam sobre a opção pelo alisamento de diferentes maneiras até aventarem a possibilidade de realizar a transição capilar, momento marcado por dúvidas, incertezas, anseios e outros sentimentos que emergiram nesse momento. Entretanto, percebe-se, em contrapartida, uma decisão categórica revertida em esperança de acertos e de assumirem a sua identidade, acima de tudo.

SERVIDÃO, RESISTÊNCIA E EMANCIPAÇÃO FEMININA

Estamos perante um processo de decisão de realizar a transição capilar, marcada pela sujeição aos alisamentos e, posteriormente, de resistir ao socialmente imposto e aceitar os cabelos naturais. Ludmila, levada pela exaustão mantida pela necessidade de suprir o padrão imposto pelos modelos sociais, ao optar pelo alisamento, aos 21 anos e ao completar seis anos de luta contra seu cabelo cacheado, disse “não” à progressiva – aquele cabelo que ela “Lavava e ele já secava lisinho!” Ela iniciou uma nova etapa quando decidiu assistir a vídeos de meninas que tinham cabelo cacheado, mas a princípio ela não tinha o intuito de ter os seus próprios

cabelos cacheados, porque pensava que nelas ficavam bonitos, mas, nela própria, não! Nesse ínterim, começou a assistir ao vídeo de uma mulher que ela admirava. Em sua fala descreve:

Até que eu tava achando o cabelo dela tão bonito, tão bonito, tão bonito, que quando eu tinha que fazer a progressiva em mim e eu estava sofrendo não querendo fazer o que pensava. Será que eu posso voltar a ter meu cabelo natural e parar de ter esse trabalho, parar com esse sofrimento da progressiva? (LUDMILA)

Ela revela que o pensamento acerca da transição capilar perdurou por três meses:

Voltar ao meu cabelo natural, até ao momento em que eu decidi passar pela transição, esse daqui era meu cabelo, essa daqui é a foto da última progressiva que eu fiz. Vocês podem ver que meu cabelo era bem grande, bem liso. É feio? Não! É maravilhoso, mas não era o meu cabelo, eu sei o quanto eu sofria para ter ele assim. Então para mim não vale a pena (LUDMILA).

As falas citadas por Ludmila caracterizam uma situação de percepção de ganhos e perdas que nos lembram Oliveira (2019, p.70), segundo o qual quando a mulher reencontra os seus cabelos na transição capilar isso se presentifica enquanto “vivências de empoderamento e representatividade para essas mulheres.”

Ludmila comemorava cada descoberta, cada reencontro com os seus cabelos: “- Foi a melhor decisão que tomei! Não tem explicação como me mudou, como mudou o meu cabelo, mas como me mudei internamente também, sabe?!”. A influenciadora comemorou também os resultados provenientes da transição capilar: “- Falei não, a partir de hoje não vou mais alisar o meu cabelo, vou deixar ele crescer naturalmente, vou passar pela transição” (LUDMILA).

Esse modo de subjetivar-se demarca o rompimento com a servidão imposta pela necessidade do alisamento. Ludmila entra em um processo de subjetivação proveniente da transição: “- Eu estava muito feliz, sabe gente?! Sabe quando se começa uma fase nova? Para mim estava exatamente assim. Eu nem sabia direito o que esperar, mas eu estava super animada.” Nessa perspectiva, depreende-se que se inicia o processo de libertação, um processo de subjetivação pautado no processo dialético de construção do novo homem, da nova sociedade, defendidos na perspectiva da psicologia histórico-cultural de Vygotsky (VIGOTSKI [1999]; ZANELLA [2020]; BORTOLANZA; RINGEL [2016]).

Observa-se um contentamento na narrativa de Ludmila ao descrever os nove meses de transição capilar, até o *big chop*, ápice de todo o processo!

Ludmila narra que a princípio passou creme em seus cabelos, amassando-os, apertando-os bem para testar como ficariam cacheados e “então, ver esse voluminho aqui pra mim já era demais!”, salienta.

A transição foi tomando dimensão: “Sair com meu cabelo com as duas texturas e realmente assumir: Eu tô em transição capilar, eu não tô nem aí, é só uma fase e eu não quero saber se meu cabelo tá bonito, se ele tá feio, eu estou passando pela transição e é isso”. Percebe-se que à medida que Ludmila avança na transição capilar, sua própria opinião tem maior peso.

A influenciadora Ana, consciente sobre o processo subjetivo de autopercepção, menciona: “- Eu sempre continuei insatisfeita com meu cabelo. Eu sempre me achava feia independentemente se estava liso ou natural, eu sempre me achava feia, eu nunca estava satisfeita, então nada era bom para mim, eu nunca estava bem comigo mesma.”

Todavia, aos poucos, Ana passou a se identificar com mulheres que estavam no processo de transição capilar e afirma que:

Acabei percebendo que eu sentia muita falta do meu cabelo, no fundo eu gostava dele, eu não lembrava mais como ele era, aí eu fui procurando, fui vendo meninas que já tinham passado pela transição capilar e o cabelo já natural, sabe?! Me deu saudade do meu, me fez pensar porque eu tinha alisado, foi a primeira vez que eu parei e pensei em mim, parei e pensei na minha felicidade, também me preocupei com isso.

Ela conta que nem sequer lembrava como era ter o cabelo natural e foi no processo de transição capilar que sentiu saudades dos cachos. E foi assim que parou para pensar na sua felicidade, esquecida frente ao desespero de não ter sido aceita ao longo de sua trajetória com os seus cabelos naturais.

Sinais evidentes sobre a importância da representatividade emergiram e Ana compreendeu que o que mais lhe auxiliou nesse processo foi olhar para referências, tais como meninas que deixavam seu cabelo ondulado ao natural. Gomes ressalta que a ausência de representatividade de mulheres, que deixam seus cabelos naturais, também contribuiu para a “forçosa” escolha de outras mulheres em se submeter a procedimentos que alteram a

estrutura capilar, pois acionam a dicotomia "bom e belo" *versus* "ruim e feio" e neste último estão incluídos, de modo discriminatório, os cabelos dessas mulheres negras (GOMES, 2005).

Assim, iniciou uma modificação da autopercepção, que assinala sua potência de agir e o exercício de liberdade em detrimento de formas de servidão. Este aumento no nível de autopercepção e consciência sobre o seu direito à autonomia aflora, chegando o seu momento de entendimento consigo mesma. Assim discorre:

[...] Comecei a me preocupar comigo mesma, com a minha felicidade. O que que eu tô achando? O que eu tô sentindo? Eu tô gostando de mim? Me preocupava comigo, fui entendendo sobre autoestima. Na verdade, eu comemorava a cada centímetro que o meu cabelo crescia. Eu sei que cada pessoa é diferente.

Esta fala evidencia que a pessoa se reconhece como singular, respeita os seus desejos e supera determinadas formas de opressão sofridas ao longo do tempo com o seu cabelo. Neste contexto, é apropriado remeter-se a Vygotsky (1995, p. 214) quando afirma:

Todas as funções psíquicas superiores são relações interiorizadas de ordem social, são o fundamento da estrutura social da personalidade. Sua composição, estrutura genética e modo de ação, em uma palavra, toda a sua natureza é social; inclusive ao converter-se em processos psíquicos segue sendo quase social. O homem, inclusive sozinho consigo mesmo, conserva funções de comunicação.

De fato, a apropriação decorre da trama de relações sociais em que o sujeito se inscreve; todavia, nesse processo ele produz sentidos, o que demarca a sua história no mundo.

O corte curtinho foi “aproveitado” por Ludmila, assim como cada fase da transição. Relatou ainda que: “aí meu cabelo foi crescendo, ele foi se desenvolvendo” (LUDMILA). Ela descreve o percurso como uma transformação relevante na sua existência:

E tenho muito orgulho e muita felicidade por ter passado por tudo o que eu passei; eu viveria tudo de novo 30 vezes se fosse necessário, porque vale muito a pena, mudou a minha vida de transição, foi um instrumento de Deus usado para mudar a minha vida, eu tenho certeza disso, é tão lindo ver como através dessa transição atinge outras tantas vidas através da Internet.

Identifica-se na fala de Ludmila o seu orgulho na própria história, a consciência do processo vivenciado e os frutos que colheu de toda a experiência como mulher, ao não aceitar padrões impostos e ao anunciar a sua representatividade por ter realizado a transição capilar.

Ana, por sua vez, diz que precisava descobrir o que era a transição capilar e recomenda: “Nesse vídeo eu quero que você olhe para você com mais carinho, olhe para o seu cabelo com mais carinho caso você queira alisar o cabelo; pense: por que você se prefere de cabelo liso?”. Em sua fala demonstra um alto nível de consciência sobre o seu processo de subjetivação, ao mencionar consequências positivas acerca da experiência da transição capilar.

CONCLUSÃO

Este estudo permitiu constatar o quanto as mulheres padecem por terem cabelos não lisos, uma vez que são confrontadas sistematicamente com padrões que apregoam que só os alisamentos permitem ter um cabelo belo. As influenciadoras revelaram vários processos de alisamento, com a utilização de “escova”, “chapinha” e progressiva, mencionaram os sofrimentos experienciados (por elas e por outras mulheres) e compartilharam as reflexões advindas dos seus modos de subjetivação até chegarem à transição capilar.

Torna-se importante aqui destacar a relação da primeira autora com o tema, que atuou durante mais de doze anos em um salão de beleza, conviveu com os mais diversos tipos de discursos autodepreciativos e insatisfeitos de várias mulheres. Por essa razão, considerou que este tema merecia uma análise profunda no sentido de esclarecer e poder contribuir com uma pesquisa que permitisse compreender melhor as mulheres que ali consumiam determinados serviços. Ademais, entendemos que os desejos de mudança por parte destas mulheres não decorreram de uma estética capilar desprovida de beleza, mas sim de várias imposições provenientes da sociedade, e algumas vezes da própria família, guiadas por padrões que não condizem com as formas naturais dos cabelos de uma grande parte das mulheres brasileiras.

As falas destas mulheres têm como objectivo mobilizar as mulheres de cabelos não lisos e elogiar as que estão escolhendo o uso dos seus cabelos naturais em detrimento da química capilar de alisamentos. Um dos caminhos de conscientização é a utilização das mídias sociais, como o YouTube, onde as mulheres contam, dialogam, compartilham experiências

acerca dos seus cabelos, pautadas em informações sobre estética e discussões étnico-raciais e de gênero. Algumas dessas mulheres fazem a transição capilar, como o fizeram Ana e Ludmila, uma decisão que obriga a enfrentar situações de preconceito e de racismo. Dar visibilidade a essas questões é importante, porquanto suas vozes ecoam e alcançam outras mulheres que precisam ouvi-las para poderem fazer suas escolhas com liberdade e não com servidão.

REFERÊNCIAS

BANKS, I. **Hair Matters: beauty, power, and black women's consciousness**. New York: New York University Press, 2000.

BORTOLANZA, A. M. E.; RINGEL, F.; Vygotsky e as origens da teoria histórico-cultural: estudo teórico educativa, **Goiania**, v. 19, no. 1, p. 1020-1042, set./dez. 2016, Disponível em: file:///C:/Users/C%C3%A9ia/Downloads/5464-16506-1-PB.pdf. Acesso em: 5 jun. 2021.

ECYCLE. Consuma consciência. Vai alisar os cabelos? Fique de olho nas substâncias tóxicas. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/alisamento-cabelo-riscos-substancias-quimicas-alteracao-fios-alisamento-permanente-alisamento-temporario-composto-organico-volatil-formaldeido->. Acesso em: 2 mai. 2021.

ESPINOSA, J. R.; **Youtubers teen**: a influência dos vlogs às novas gerações, Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Publicidade e Propaganda), Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. São Carlos, SP: Claraluz, 2013.

FERREIRA, T. O que foi o movimento de eugenia no Brasil: tão absurdo que é difícil acreditar. Portal Geledés, 2017, Recuperado de <https://www.geledes.org.br/o-que-foi-o-movimento-de-eugenia-no-brasil-tao-absurdo-que-e-dificil-acreditar/>

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. Trad. Maria Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GIAMPÁ, S. **O livro dos cachos**: aprenda a amar e cuidar do seu cabelo como ele é. São Paulo: Paralela, 2016.

GIL, A. C. (2002). **Como elaborar projetos de pesquisa** (4ª ed.). São Paulo: Atlas.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação Anti-racista**: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005, p. 39-62.

_____. **Sem perder a raiz**: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica. 2006.

HALL, S. (2009). **Representation: cultural representations and signifying practices** (10ª ed.). London: The Open University.

HALLPIKE C. R. Social Hair. **Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland**, vol. 4, no. 2, 1969, p. 256-264.

NOGUEIRA, L. C. do N. **Para o bem da raça**: a época da eugenia na Bahia (1915-1935). Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos), Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil, 2019.

OLIVEIRA, I. F. de. **Versões de mulheres negras sobre a transição capilar**: um estudo sobre processos de descolonização estética e subjetiva. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Social), Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Teoria e método em Psicologia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Obras Escogidas**, tomo III. Madrid: Visor, 1995.

Revisão gramatical pelas próprias autoras.

RECEBIDO 14 DE MAIO DE 2022.

APROVADO EM 20 DE JUNHO DE 2022.